

ATO. 68. 9. 11. 25/89

11-12  
JPC

20/11/92

PAG. 4

# Ex-sargento acusa Frota de ter destruído arquivos

Leopoldo Silva

BRASÍLIA — O ex-sargento Marival Chaves, que foi agente do Doi-Codi, disse ontem à Comissão de Desaparecidos Políticos da Câmara dos Deputados que os documentos sobre operações clandestinas executadas pelos órgãos de informação foram destruídos em 1977, quando foi demitido o então ministro Silvío Frota. Frota teria ordenado a eliminação dos arquivos temendo que o governo Geisel promovesse uma devassa.

A denúncia de Chaves mostra que muitos detalhes do desaparecimento de presos políticos não virão à tona. Ele disse que entre os torturadores existia um pacto de silêncio para não contar quem matava, só quem morria. As operações eram setorizadas e os comandantes tinham autorização para matar.

Um dos casos mais polêmicos da história política recente do país foi tratado por Chaves. Ele revelou que o panfleto divulgado em 1980, com uma foto da mulher do então candidato a governador de Pernambuco, senador Marcos Freire, e o então deputado federal Fernando Lyra nus sobre a cama de um motel foi impresso na gráfica da Escola Nacional de Informações (Esni), em Brasília. Os panfletos foram usados, dois anos depois, para derrubar a candidatura de Freire ao governo de Pernambuco em 1982.



Marival Chaves (à direita) depõe, tendo ao lado o deputado Nilmarlo Miranda

Ao saber das declarações do sargento, Fernando Lyra não escondeu a indignação e disse:

— Todos esses fatos revelam a face nojenta dos regimes ditatoriais. Estes fatos fazem com que tenhamos a obrigação de enraizar cada vez mais o regime democrático, para que estas mazelas nunca mais aconteçam.

Chaves deu detalhes também sobre o desaparecimento de cinco ex-militantes da luta armada em 1974: Onofre Pinto, Daniel José de Carvalho, Joel José de Carvalho, José Lavecchia e Vítor Carlos da Silva. Os cinco teriam sido atraídos pelo ex-sargento Alberi Vieira, da Brigada

Militar do Rio Grande do Sul, que era um agente infiltrado, para uma armadilha na região de Medianeira (Paraná), onde funcionaria uma base de guerrilha. Já chega a 22 o número de presos mortos apontados por Chaves.

O ex-sargento deu informações ainda sobre o sumiço de dois outros militantes do PCB: Davi Capistrano e José Roman. Os dois saíram de Paso de Los Libres (Uruguai), estiveram em Uruguaiana (RS) num fusca e depois sumiram. Segundo Chaves, eles foram presos pelo Doi-Codi paulista e conduzidos pelo major Brand, do Ciex.

FOLHA DE SÃO PAULO  
20/11/92  
PAG. 2-11

## TORTURA Documentos da repressão desapareceram, diz ex-sargento

Da Sucursal de Brasília

O ex-sargento Marival Chaves disse ontem à Comissão Especial de Desaparecidos Políticos da Câmara que, antes da saída do general Silvío Frota do Ministério do Exército, em 1977, muitos documentos relacionados com a repressão política foram destruídos para dificultar investigações.

Chaves afirmou também que, em 1974, o Exército e o Doi-Codi de São Paulo mataram cinco militantes da luta armada depois de atraí-los para uma armadilha de interior do Paraná. O grupo pensava que participaria de um núcleo de guerrilha em Medianeira (PR), mas na verdade era uma operação preparada pelos órgãos de repressão.

O grupo de militantes supostamente mortos na armadilha revelada por Chaves era liderado por Onofre Pinto. Os outros quatro mortos eram Daniel José de Carvalho, Joel José de Carvalho, José Lavecchia e Vítor Carlos da Silva.

De acordo com a versão de Chaves, Pinto foi atraído para a armadilha por Alberi Vieira, um ex-sargento da Brigada Militar do Rio Grande do Sul, que atuaria como agente duplo da repressão e dos grupos armados de esquerda.